RBTCC Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
e-ISSN: 1982-3541

ABPMC Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental

O desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental

The development of social skills in adolescence as behavioral cusp

El desarrollo de las habilidades sociales en la adolescencia como apice comportamental

RESUMO: O presente estudo apresenta uma discussão teórica sobre Habilidades Sociais na adolescência a partir do conceito de ápice comportamental. Um dos processos responsáveis pela expansão do repertório comportamental, exposição do indivíduo a novas contingências, novos ambientes, novos estímulos controladores e novos grupos sociais, ocorre por meio de uma mudança comportamental denominada de ápice comportamental. São apresentados estudos relacionando o repertório amplo de habilidades sociais com interações favoráveis com pares, destacando sua importância como ápice comportamental, que garante o acesso a novos ambientes. Presume-se também que os repertórios de habilidades sociais competem com o fortalecimento do padrão de comportamento antissocial e uso de drogas, constituindo, portanto, nova evidência de ápice comportamental. Conclui-se que a discussão das habilidades sociais como ápice comportamental traz vantagens no que se refere ao planejamento de intervenções comportamentais mais efetivas.
Palavras-chave: habilidades sociais; ápice comportamental; adolescência

ABSTRACT: This paper presents a conceptual discussion that integrates the concept of behavioral cusp to the Social Skills field. A Behavioral Cusp implies a behavioral change that provides the access to new contingencies, new ambient, controlling variables and social groups. Several studies indicate that the quality of interactions with peers is affected by a broad repertoire of social skills, which in turn indicates the criteria of the access to new ambient (behavioral cusp). It is assumed that the development of a repertoire of social skill compete with problem behaviors, for example antisocial behavior and drug abuse, emphasizing a behavioral cusp characteristic. In sum, the advantages of interpreting social skills as behavioral cusp rely on planning effective behavioral interventions.
Keywords: social skills; behavioral cusp; adolescence

Autores

Fabiane Ferraz Silveira Fogaça [1*]
Daniely Ildegardes Brito Tatmatsu [2]
Camila Negreiros Comodo [3]
Zilda Aparecida Pereira Del Prette [4]
Almir Del Prette [5]

[1] Unitau.
[2] UFC.
[3] ITCR Campinas.
[4,5] UFSCar.

Correspondente

* fabianeferrazsilveira@yahoo.com.br

R. Quatro de Março, 432 - Centro, Taubaté - SP, 12020-270

Dados do Artigo

DOI: 10.31505/rbtcc.v21i2.1162

Recebido: 20 de Abril de 2019
Revisado: 01 de Junho de 2019
Aprovado: 10 de Setembro de 2019

Como citar este documento

Fogaça, F.F.S, TATMATSU, D., Comodo, C.N., Del Prette, Z.A.P., Del Prette, A. (2019). Desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência como ápice comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 21(2), 217-231. doi: https://10.31505/rbtcc.v21i2.1162

CC BY NC OPEN ACCESS

É permitido compartilhar e adaptar. Deve dar o crédito apropriado, não pode usar para fins comerciais.

RESUMEN: Este estudio presenta una discusión sobre la fase de adolescencia que integra aspectos de las habilidades sociales con el concepto de cúspide comportamental. La expansión del repertorio comportamental se da con la exposición del individuo a nuevas contingencias, nuevos ambientes, nuevos estímulos controladores y nuevos grupos sociales, dado un cambio comportamental denominado cúspide comportamental. Son presentados estudios relacionando un repertorio amplio de habilidades sociales con interacciones favorables con las parejas, destacándose su importancia como cúspide comportamental, lo que garantiza el acceso a nuevos ambientes. Se presume también que los repertorios de habilidades sociales compiten con el fortalecimiento del patrón de comportamiento antisocial y el uso de drogas, constituyendo, por lo tanto, nueva evidencia de cúspide comportamental. Se puede concluir que la discusión de las habilidades sociales como cúspide comportamental trae ventajas a lo que se refiere a un plan de intervenciones comportamentales más efectivas.
Palabras-clave: habilidades sociales; cúspide comportamental; adolescencia

O campo das Habilidades Sociais (HS) é composto por um arcabouço conceitual próprio alinhado a evidências de eficácia e efetividade em diversos contextos de pesquisa e aplicação. Um dos elementos centrais do componente teórico do campo das HS consiste na premissa de que uma ampla gama de procedimentos em contextos naturais e estruturados pode ampliar e fortalecer os repertórios essenciais às interações sociais em diferentes momentos do desenvolvimento (Del Prette & Del Prette, 2010).

Limitações de acesso a contextos e interlocutores significativos como familiares, professores, pares e grupos da comunidade tornam o adolescente vulnerável ao desenvolvimento de dificuldades comportamentais, como por exemplo, abuso de drogas lícitas e ilícitas e envolvimento em episódios de *bullying* (Pereira-Guizzo, Del Prette, Del Prette & Leme, 2018). As HS, como parte do repertório do adolescente, produzem variações sistemáticas nas contingências relacionadas a interações sociais reforçadoras, diminuindo a probabilidade destas dificuldades (Campos, Del Prette & Del Prette, 2014).

Dada a relevância das habilidades sociais para as interações estabelecidas em diferentes etapas da vida, em particular na infância e adolescência, pode-se estabelecer uma articulação entre esse repertório e o conceito de ápice comportamental (*behavioral cusp*), mediante análise dos critérios definidores de tal conceito. Este estudo tem como objetivo apresentar uma discussão teórica das Habilidades Sociais (HS) na adolescência a partir do conceito de Ápice Comportamental. A análise centrou-se nas possíveis relações entre dois critérios definidores de ápice comportamental (acesso a novos contextos e novas contingências de reforçamento e competição com respostas consideradas inapropriadas pela cultura) e déficits de repertórios de habilidades sociais característicos do comportamento antissocial e de abuso de drogas na adolescência (Strang, Babor, Caulkins, Fischer, Foxcroft & Humphreys, 2012; Sorlie, Hagen & Ogden, 2008). A investigação dessas relações busca articular esses dois campos de estudo para aprimorar a análise dos processos comportamentais envolvidos nas interações sociais na adolescência. Neste sentido, as habilidades sociais podem participar dos fluxos de mudanças comportamentais dos adolescentes como suporte na ampliação de contextos de interações sociais educativas e reforçadoras, diminuindo a probabilidade de trajetórias de risco. Dentre as vantagens da discussão das HS

como ápice comportamental estão a possibilidade de planejamento de intervenções individualizadas, que contemple ápices comportamentais universais e outros mais específicos a "ambientes particulares ou indivíduos com condições particulares" (Bosh & Hixon, 2004, p. 248).

Habilidades sociais e Adolescência

De acordo com Del Prette e Del Prette (2010, p.107), habilidades sociais "refere-se a um constructo descritivo dos comportamentos sociais valorizados em determinada cultura, com alta probabilidade de resultados favoráveis". E, por produzirem consequências reforçadoras e concorrerem com comportamentos indesejáveis na cultura (Del Prette & Del Prette, 2017), as habilidades sociais são consideradas repertórios significativos para crianças e adolescentes (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Del Prette & Del Prette, 2005; Murta, Del Prette, Nunes & Del Prette, 2006). Especificamente, as habilidades sociais são variáveis importantes em processos do desenvolvimento como a socialização, o desempenho acadêmico e a construção de redes de apoio (Del Prette & Del Prette, 2005). Inversamente, um repertório deficitário de habilidades sociais tem sido correlacionado com problemas de comportamento (Cook, Gresham, Kern, Barreras, Thornton & Crews, 2008), baixo desempenho acadêmico (Feitosa, Del Prette & Del Prette, 2012; Sapienza, Aznar-Farias & Silvares, 2009), depressão (Campos et al., 2014) e *bullying* (Fox & Boulton, 2005).

Murta et al. (2006) apontam para a adolescência como um período propício, por excelência, para o aprimoramento do repertório de habilidades sociais aprendidas na infância. Estes autores ressaltam a importância da promoção de interações saudáveis neste período, em função da exacerbação de problemas que atingem os jovens na cultura ocidental contemporânea, como o envolvimento com atividades ilegais, o *bullying* e o abuso de drogas, etc.

As habilidades sociais na adolescência estão organizadas em seis classes de comportamento: Empatia, Autocontrole, Civilidade, Assertividade, Abordagem afetiva e Desenvoltura social (Del Prette & Del Prette, 2009). A habilidade de Empatia é evidenciada por comportamentos como compartilhar emoções, colocar-se no lugar dos outros, ouvir sem julgar, respeitar e aceitar pontos de vista muito diferentes, perdoar ofensas, confortar e agir de forma altruísta (Krieger & Falcone, 2017). De acordo com Del Prette e Del Prette (2009, p. 21) a habilidade de Civilidade é representada por "comportamentos de despedir-se, agradecer favores, cumprimentar e elogiar". No caso dos adolescentes, a exposição a situações de críticas, gozações, tentativas mal sucedidas de execução de atividades com manejo adequado de frustração e controle de respostas agressivas evidenciam as habilidades de Autocontrole (Del Prette & Del Prette, 2009). Os comportamentos assertivos seriam aqueles em que o indivíduo defende seus direitos, ao mesmo tempo em que respeita os direitos de seus interlocutores, produzindo consequências positivas de médio e longo prazo (Comodo et al., 2013, p. 111). A habilidade de Abordagem Afetiva é representada por comportamentos de estabelecimento de contato e conversação para relações de amizade e relacionamento afetivo, já Desenvoltura Social indica comportamentos presentes em situações de exposição social, tais como, trabalhos em grupo, explicar tarefas a colegas, conversar com pessoas de autoridade, etc. (Del Prette & Del Prette, 2009).

Ainda que necessárias, as habilidades sociais não são suficientes para um desempenho socialmente competente. A competência social indica comportamentos "que atendem aos objetivos do indivíduo e às demandas da situação e da cultura, produzindo resultados positivos conforme critérios instrumentais e éticos" (Del Prette & Del Prette, 2017, p. 39).

Para que o desempenho em um episódio interativo seja avaliado como socialmente com-

petente, é necessário considerar tanto os comportamentos envolvidos (habilidades sociais, coerência com pensamentos e sentimentos, automonitoria, etc.) como os resultados da interação em termos de funcionalidade instrumental e ética. Isso significa que a interação deve produzir tanto consequências reforçadoras para o indivíduo quanto para o interlocutor, como melhora da qualidade da relação, equilíbrio de reforçadores para si e para os outros, respeito ou ampliação de direitos humanos básicos (Del Prette & Del Prette, 2011). A dimensão instrumental da competência social está relacionada com consequências reforçadoras imediatas para o indivíduo que se comporta; já a dimensão ético-moral se refere à escolha de consequências de médio e longo prazo que beneficiam tanto a pessoa quanto à comunidade. Essa última dimensão tem um caráter vital para a sobrevivência de uma cultura mais justa e ética.

A despeito da noção de competência social permitir uma avaliação funcional mais ampla sobre os impactos de um repertório social para os indivíduos e ao grupo, poucas pesquisas têm sido realizadas com base nesse construto. É provável que isso se deva ao fato do conceito envolver consequências para o grupo em médio e longo prazo, o que demanda investigações com metodologia sensível a passagem do tempo, como os estudos longitudinais. Empreendimentos desse porte são escassos por serem de alto custo e apresentam dificuldades metodológicas para isolar variáveis controladoras de comportamentos complexos. Por outro lado, as categorias de HS são amplamente descritas e testadas na literatura. Para este estudo, sobretudo, as categorias de empatia, assertividade e autocontrole serão de especial interesse para a discussão das HS como ápice comportamental na adolescência.

O desenvolvimento humano envolve mudanças nos fluxos de interações entre um indivíduo ativo e o ambiente, sendo este último constituído por diferentes condições de estímulo que estabelecem funções eliciadoras, evocativas, reforçadoras e discriminativas para o comportamento. Na adolescência, as contingências sociais selecionarão repertórios cada vez mais refinados voltados para práticas difundidas na comunidade. No trabalho seminal de 1997, Rosales-Ruiz e Baer apresentaram uma perspectiva analítico comportamental do desenvolvimento humano a partir do conceito de ápice comportamental. Na sequência será apresentado o conceito de ápice comportamental, bem como possibilidades e limites da interpretação das HS a luz de tal conceito.

A definição de Ápice Comportamental

Para Rosales-Ruiz e Baer (1997), a crítica central da Análise do Comportamento sobre as teorias que discutem aspectos do Desenvolvimento Humano está pautada na concepção intrínseca de uma sequência padronizada de aquisições, estágios e fases. A posição da Análise do Comportamento com relação a evolução do desenvolvimento humano implica na identificação de mudanças progressivas em contingências e padrões de comportamentos em determinados períodos de tempo (Bijou & Baer, 1978). Outros posicionamentos relevantes vão apontar para a análise de variações sistemáticas nas contingências (Rosales-Ruiz & Baer, 1997) e como aspectos culturais participam dos processos de variação e seleção. Jimézes (2017, p. 15) também esclarece ainda, que o "termo progressivo não se refere à melhoria ou direção do desenvolvimento (Gehm, 2013; Vasconcelos et al., 2010), mas ao caráter cumulativo das mudanças comportamentais".

Sem desconsiderar a característica idiossincrática dos fluxos de interações organismo-ambiente e seus respectivos produtos, "é inegável que certos repertórios são prerrequisitos para outros" (Tourinho & Neno, 2005, p. 99) e que alguns comportamentos, denominados de ápice comportamental, apresentam consequências

de maior impacto sobre o repertório comportamental com um todo.

De acordo com Rosales-Ruiz e Baer (1997), a expansão do repertório comportamental se dá com a exposição do indivíduo a novas contingências, novos ambientes, novos estímulos controladores e novos grupos sociais, dada uma mudança comportamental denominada de ápice comportamental. A relevância do ápice comportamental é determinada pela extensão da mudança no repertório comportamental, se tal mudança favorece o desenvolvimento de novos ápices e a avaliação do grupo social sobre os impactos da mudança, que é sempre determinada por normas e expectativas da sociedade mais ampla (Rosales-Ruiz & Baer, 1997).

Além dos critérios de acesso a novos reforçadores, contingências e ambientes (critério um) e validade social (critério dois), ambos propostos por Rosales-Ruiz e Baer (1997) para a definição de ápice comportamental, Bosh e Fuqua (2001) discutiram a importância da geratividade (critério três), competição com respostas inapropriadas (critério quatro) e número e importância das pessoas afetadas pela mudança comportamental (critério cinco). A gerativida-de indica a participação da mudança comportamental como um prerrequisito ou componente de uma habilidade mais complexa (Bosh & Fuqua, 2001). A competição com respostas inapropriadas sinaliza que o estabelecimento de ápices comportamentais pode enfraquecer a ocorrência de comportamentos inadequados, influenciando, portanto, o repertório geral do indivíduo (Robertson, 2015). A validade social da mudança comportamental, segundo Bosh e Fuqua (2001) pressupõe a avaliação do número e grau de importância das pessoas afetadas e se a mudança comportamental atende as demandas do grupo social. A despeito da importância de todos os critérios de avaliação, nem todas as mudanças comportamentais necessariamente deverão atingir a todos eles, para que seja classificada como ápice comportamental, "entretanto, quanto maior o número de critérios atingidos e a extensão de tais mudanças, maior a diferenciação dos ápices mais relevantes para o indivíduo" (Robertson, 2015, p. 478).

Na literatura nacional, o conceito de ápice comportamental foi utilizado por De Rose e Gil (2013) na análise do comportamento de brincar, que "estabelece e refina o papel como falante e instrutor. Cada uma destas competências abrirá para a criança um mundo novo de possibilidades de desenvolvimento" (De Rose & Gil, 2013, p. 381). No estudo de Bezerra, Teixeira Júnior e Palha (2013), o atendimento clínico de uma criança de seis anos com queixa de roubo foi conduzido tendo como principal estratégia o uso de brincadeiras para a formulação de novas regras. Brincando, a criança aprendeu a seguir regras como não trapacear em jogos, assumir erros e obedecer a mãe, o que forneceu contexto para que a criança formulasse a regra "não roubar". Nesse caso, o brincar teve função de ápice comportamental, uma vez que ao aprender a seguir instruções, a criança alterou sua relação social com os amigos, que antes a isolavam, e passou a brincar com eles. O critério de competição com respostas inapropriadas (critério quatro) é de especial interesse, pois as intervenções mais efetivas com crianças buscam identificar repertórios funcionalmente equivalentes aos comportamentos considerados inadequados.

Na determinação de um ápice comportamental a ser desenvolvido há também que se considerar o número e importância das pessoas afetadas (critério cinco). Haendel e Alvarenga (2018) apontam a tolerância ao atraso do reforçador como ápice comportamental precursor do autocontrole. Os autores consideram que ao não emitir respostas impulsivas, as crianças podem se engajar em tarefas acadêmicas propostas pelo professor para elas e para os colegas de sala de aula. De forma semelhante, no ambiente familiar, a resposta de tolerância ao atraso do reforçador pode afetar os pais e cuidadores na realização de atividades do lar.

A pesquisa de Ingvarsson, Tiger, Hanley e Stephenson (2007) avaliou a importância do treino de um comportamento intraverbal, diante de perguntas para as quais não se sabe a resposta apropriada como um ápice comportamental, que permitiria o acesso a reforçadores naturais. O comportamento treinado ("Eu não sei, por favor, diga-me") teve a função de comportamento alternativo aos déficits de responder a perguntas pessoais ("Onde você mora?"), questões sobre conhecimento geral ("Onde você compra alimentos?") e habilidades pré-acadêmicas ("Qual estação é quente?"). Participaram do estudo quatro crianças pré-escolares (duas delas com desenvolvimento atípico). As avaliações dos quatro participantes demonstraram que houve a generalização da resposta treinada para outras perguntas e outros interlocutores (professores), que não participaram diretamente do treino. Na discussão, os autores apontaram para os benefícios da análise da resposta treinada como um ápice comportamental, que favoreceu a aquisição de outros comportamentos, e produziu reforçadores sociais provindos por pares e professores.

Gil (2019), ao sintetizar os principais resultados de cerca de duas décadas do programa de pesquisa sobre o responder por exclusão (operações que simulam o comportamento de ouvinte), propõe que essa resposta seja considerada como um ápice comportamental. Segundo a autora, o surgimento do responder por exclusão na criança permite a emergência das relações pares nomes-objeto, consequente ampliação do repertório para diferentes tipos de palavras no vocabulário de uma língua, transformando-se em recurso de aprendizagem para uma segunda língua. Nesse sentido, o responder por exclusão dá acesso a novos reforçadores, tem validade social e efeitos cumulativos em diferentes direções.

Em resumo, o conceito de ápice comportamental sinaliza comportamentos relevantes a serem estabelecidos, ainda que estes apresentem considerável simplicidade em termos topográficos (Smith et al.,2006). Ápices comportamentais produzem grande impacto para o repertório comportamental como um todo e permitem o acesso a novos reforçadores ou contingências de reforçamento, que não seriam possíveis, ou que seriam dificultados, sem tal mudança de comportamento (Robertson, 2015).

Habilidades Sociais como Ápice comportamental na Adolescência: Acesso a novos contextos e novas contingências de reforçamento

As práticas da cultura ocidental são organizadas de forma a expor o adolescente a novas demandas sociais até então não enfatizadas na infância, como as descritas por Pereira-Guizzo et al. (2018), por exemplo, a exigência de bom desempenho acadêmico, maior autonomia na execução de tarefas, início de relacionamentos afetivos e relacionamentos mais duradouros com pares. Uma das evidências de que as HS favorecem o acesso a novos ambientes e contingências de reforçamento, correspondendo, portanto, a um dos critérios de ápice comportamental, consiste na importância do repertório amplo de HS nas interações com pares.

O *Good Behavior Game* (GBG) é uma intervenção elaborada na década de 60 (Barrish, Saunders & Wolf, 1969), com as mais robustas evidências de eficácia como programa de prevenção a problemas de comportamento (Bayer, 2009). O objetivo do GBG é o de melhorar a qualidade das relações interpessoais entre os alunos e entre estes e o professor, principalmente em classes onde existem crianças com problemas de comportamento relacionados as interações sociais. Estudos longitudinais têm evidenciado que ao interferir positivamente na trajetória de desenvolvimento das crianças e das relações com os pares, por meio da ampliação das suas habilidades sociais, elas tendem a se tornar adolescentes e adultos me-

nos vulneráveis a comportamentos de risco, incluindo o abuso de drogas e comportamentos antissociais (Kellam et al., 2010, Kellam et al., 2008).

O estabelecimento de amizade é considerado como fator de proteção na adolescência, por proporcionar o treino de habilidades importantes como a comunicação e resolução de conflitos (Branco & Wagner, 2009, citado por Bazon & Maruschi, 2012). As relações de amizade são de especial importância também quando a estrutura das instituições de ensino, principalmente, o relacionamento com o professor, não é suficiente para atender às dificuldades acadêmicas dos alunos e necessidades de relacionamento interpessoal (Fernandes, Leme, Elias & Soares, 2018). Há indicativos de que adolescentes que apresentam problemas de comportamento desenvolvem relações sociais restritas, participando de poucos grupos e com alta rotatividade de amizades (Bazon & Estevão, 2012).

Os pares exercem grande influência sobre o adolescente quanto ao envolvimento com atividades de lazer, enquanto a influência dos pais é mais proeminente na exigência de bom desempenho escolar e decisão referente à escolha profissional (Ciarano, Rabaglietti, Roggero, Bonino, & Beyers, 2007). Comportamentos assertivos são requeridos de adolescentes em situações de lazer sem a supervisão de adultos, em função da alta probabilidade de valorização de comportamentos de risco por pares (Maruschi, Estevão & Bazon, 2013).

Salvo (2010) afirma que os adolescentes de famílias expostas a múltiplas condições de risco tendem a passar mais tempo com os pares desviantes fora do período escolar. De acordo com Monahan et al (2009), adolescentes que apresentam problemas de comportamento preferem associar-se a pares desviantes, e que essa preferência está associada ao aumento na probabilidade futura de se engajar em novas transgressões. Pesquisas indicam que o tempo livre, sem supervisão, gasto com pares desviantes associa-se à alta probabilidade de uso bebidas alcoólicas, cigarro, drogas ilícitas, além de vandalismo e engajamento em ato infracional (Maruschi, Estevao & Bazon, 2013; Malta, Oliveira-Campos, Prado, Andrade, Mello, Dias & Bomtempo, 2014). Em conjunto, esses estudos sinalizam que a ausência de desenvolvimento de HS dificulta o acesso à novos contextos e a novos reforçadores positivos e expõe os adolescentes a problemas de comportamento.

Murta, Del Prette e Del Prette (2013) avaliaram um programa de intervenção para a prevenção de violência no namoro, baseada na promoção de habilidades de vida e habilidades sociais. O estudo utilizou um delineamento quase-experimental, com avaliações pré, pós-intervenção e seguimento. A intervenção incluiu a comunicação assertiva, empatia e manejo das emoções. Foram realizadas sessões semanais em grupo, com um total de 60 adolescentes. Como resultados foram verificados um aumento na frequência da categoria negociação e redução nas categorias resignação e violência, com generalização para o cotidiano, observada na avaliação de seguimento. Nesse estudo, o desenvolvimento de HS cumpriu o critério de proporcionar acesso a novos contextos e reforçadores positivos para definição de ápice comportamental, uma vez que os adolescentes relataram ter mudado suas formas de pensar e agir no contexto das relações de gênero, o que não se restringe ao namoro.

Em suma, o acesso aos estímulos reforçadores positivos, diante de demandas sociais de maior complexidade presentes no relacionamento com pares na adolescência é possível por meio de um repertório amplo de HS. É a variabilidade deste repertório, associado a outras varáveis contextuais, que aumenta a probabilidade de que as interações com pares sejam reforçadoras e que se generalizem para outros ambientes.

Habilidades Sociais como Ápice Comportamental: Competição com respostas inapropriadas

Dificuldades comportamentais são resultados de procedimentos ineficazes de modelagem (déficit no repertório), falta de antecedentes apropriados (problemas no treino discriminativo ou influência de variáveis motivacionais) e falta de suporte do ambiente (consequências ineficazes ou concorrentes). A combinação de tais alternativas auxilia na explicação dos processos responsáveis por indivíduos, no caso, adolescestes, pela apresentação de problemas de comportamento ou de comportamentos socialmente competentes em contextos semelhantes. As habilidades sociais, aprendidas em ambientes naturais ou planejados, podem ser consideradas ápices comportamentais por serem classes de comportamentos sociais que concorrem com problemas de comportamentos por serem funcionalmente equivalentes. Estudos mostram que adolescentes que possuem um repertório comportamental deficitário de habilidades sociais se tornam mais vulneráveis para o envolvimento com *bullying* (Comodo, Del Prette & Del Prette, 2017), com depressão (Campos, Del Prette & Del Prette, 2018) e com dificuldades de aprendizagem (Molina & Del Prette, 2006).

Dados de pesquisa também vêm apontando a relação entre déficit de habilidades sociais e abuso de drogas por adolescentes (Cardoso & Malbergier, 2014; Negrete & García-Aurrecoechea, 2005; Oliveira & Luis, 2005). Neste sentido, a Organização Mundial de Saúde (OMS) sugere intervenções com base na promoção de HS para prevenir o abuso de drogas entre adolescentes e reduzir a frequência de outros comportamentos no contexto de abuso de drogas (WHO, 1997).

O estudo de Tatmatsu & Del Prette (2016) avaliou o repertório de habilidades sociais de 110 adolescentes usuários de drogas lícitas e ilícitas em tratamento na rede de saúde pública do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio do inventário IHSA-Del-Prette (Del Prette & Del Prette, 2009b) e do Questionário sobre uso de drogas (Carlini et al., 2010). Com relação as habilidades sociais, adolescentes de ambos os gêneros relataram um repertório pouco elaborado de habilidades de autocontrole, civilidade e empatia quando comparados à amostra normativa. Quanto ao custo de resposta, todos os adolescentes relataram elevada dificuldade na emissão das HS de um modo geral em relação à amostra de referência. Repertórios restritos das habilidades de autocontrole, civilidade e empatia envolvem dificuldades, em situações de interação, para controlar sentimentos aversivos, como frustração e raiva, perceber os eventos privados do outro, demonstrar compreensão e oferecer apoio, além de limitações para identificar regras de convivência social estabelecidas pelas práticas culturais. Estes dados estão de acordo com os estudos de Wagner e Oliveira (2009); Negrete e García-Aurrecoechea (2005) e Oliveira e Luís (2005), os quais apontam para o déficit de habilidades sociais como uma variável que aumenta a vulnerabilidade dos adolescentes ao abuso de drogas. Assim, a droga, provavelmente, exerce a função de meio para auxiliar no desempenho de tarefas sociais em determinados contextos, principalmente nos casos de abuso de drogas.

A análise dos resultados com relação ao vínculo com a escola indicou diferença significativa para o escore geral. Desta forma, os adolescentes que frequentavam a escola apresentaram desempenho melhor do que aqueles que se evadiram. Não houve diferenças significativas no repertório de habilidades sociais entre os gêneros e as faixas etárias (12 a 14 e 15 a 17 anos).

Dessa forma, os dados encontrados no estudo de Tatmatsu e Del Prette (2016)_contribuem com a hipótese de que as HS se constituem como um ápice comportamental, uma vez que as classes de empatia, autocontrole e civilidade parecem competir com o abuso de

drogas no manejo do contexto de interações sociais. Deve-se ressaltar que variáveis contextuais também participam da complexidade deste fenômeno como as de ordem familiar e sociais (Schenker & Minayo, 2005).

Segundo Bosh e Fuqua (2004), a observação do ápice comportamental como uma alternativa ao comportamento inadequado é revelada por meio da questão: a mudança comportamental interfere ou substitui o comportamento inadequado? Assim como os comportamentos inadequados, que ocorrem em um continuum de severidade, as mudanças comportamentais também ocorrem em um continuum de relevância como ápice comportamental (Robertson, 2015).

A literatura aponta para a influência da família (pais e irmãos) e pares (amigos) tanto na aquisição de comportamento antissocial como em comportamento socialmente competente (Monahan, Steinberg, Cauffman & Mulvey, 2009; Snyder, Chrepferman, Bullard, Mceachern, & Patterson, 2012). O comportamento antissocial pode ser definido como um padrão comportamental "ao mesmo tempo aversivo e contingente aos comportamentos de outras pessoas" (Patterson, Reid & Dishion, 2002, p.5), com violação dos direitos alheios, desconsideração de danos causados a outrem e busca de gratificações e benefícios próprios imediatos (Rocha, 2008). Dificuldades de resolução de problemas, sobrepostos a comportamentos agressivos e impulsivos, colocam os adolescentes em risco para o desenvolvimento de um padrão de comportamento antissocial e, consequentemente, à prática infracional.

O exame de interações regulares do adolescente em conflito com a lei, com os seus pais, irmãos e amigos pode indicar quais classes de habilidades sociais (principalmente, assertividade, autocontrole, conversação e empatia) são fortalecidas por processos de modelagem e modelação. Indicativos de déficits e repertórios de habilidades sociais em adolescentes que cometeram prática infracional também trazem novas questões ao debate sobre as relações entre o padrão antissocial e comportamento prossocial ou socialmente competente (Kokko et al., 2006). Embora alguns jovens possam apresentar comportamentos prossociais e antissociais, há razões conceituais para se esperar uma relação geral inversa entre ambos, pois os primeiros requerem algum nível de seguimento de regras sociais e respeito à autoridade (Carlo, Crockett, Wilkinson & Beal, 2011).

No estudo de Fogaça, Benvenuti, Del Prette e Del Prette (2013) participaram quatro famílias, compostas por um adolescente que cumpria a medida socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) ou Prestação de Serviço à Comunidade (PSC) e um irmão do adolescente, com idade próxima, sem histórico de medida socioeducativa. Foram utilizados os instrumentos Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette) e Inventário de Habilidades Sociais Adolescentes. Todos os adolescentes em conflito com a lei apresentaram escores abaixo da média em Autocontrole e Empatia. Repertório restrito em autocontrole sugere dificuldades de manejo de situações aversivas, baixa tolerância a frustração e impulsividade, isto é, controle por gratificação de menor magnitude imediata em detrimento de consequência de maior magnitude para si e para o grupo a longo prazo.

Para Perner, Ruffman e Leekam (1994) o relacionamento com pares (irmãos e amigos) provê a base para o desenvolvimento da empatia. Considera-se que os adolescentes que apresentem maior frequência de comportamento empático criem condições mais favoráveis às relações de amizade e intimidade, estabelecendo maior rede de apoio, o que facilita a obtenção de ajuda e afeto (Campos, et al. 2014; Sanches-Queija, Oliva & Parra, 2006).

Del Prette, Teodoro e Del Prette (2014), em uma avaliação com adolescentes em conflito com a lei, observaram correlações negativas significativas, ainda que de magnitude baixa, entre agressividade e empatia, agressividade e

autocontrole e agressividade e civilidade. Os autores discutiram que, em determinadas situações, a apresentação de habilidades sociais pode não atender aos critérios de competência social, isto é, quando a apresentação de habilidades sociais implica em benefícios ao próprio indivíduo em detrimento de consequências desfavoráveis ao grupo.

Presume-se que os repertórios de HS competem com o fortalecimento do padrão de comportamento antissocial, atendendo, portanto, ao critério de ápices comportamentais. A despeito da relevância do repertorio geral de HS, há indicativos de que as categorias assertividade, empatia e autocontrole tenham uma relevância maior, tal como proposto por Robertson (2015), de que ápices comportamentais também podem ser interpretados a partir de um continuum de importância na competição com comportamentos inadequados. A robusta literatura sobre o desenvolvimento de comportamento antissocial apoia a natureza da aprendizagem cumulativa do conceito de ápice comportamental, "mudando a forma como o ambiente reage ao comportamento antissocial, a aprendizagem cumulativa pode ser alterada" (Bosh & Hixon, 2004, p. 245).

Conclusão

As dificuldades na apresentação de comportamento socialmente competente são discutidas pelas hipóteses propostas por alguns autores (Gresham, 2009; Gresham et al., 2006), de falhas na história de aprendizagem, seja por modelagem, e modelação ineficazes (déficit de aquisição), falta de antecedentes apropriados, falha no controle de estímulos ou influência de variáveis motivacionais e falta de suporte do ambiente (consequências ineficazes ou concorrentes). No caso de crianças e adolescentes, a combinação de tais hipóteses auxilia na explicação dos processos responsáveis pela apresentação de comportamentos de risco (abuso de substâncias e comportameto antissocial) e comportamento socialmente competente em diferentes contextos.

As discussões aqui apresentadas indicam que, comparados com grupos não clínicos, os adolescentes que apresentam comportamentos inapropriados como o abuso de drogas e comportamento antissocial têm repertório mais restrito de HS. Em amostras não clínícas, os constructos competência social e comportamento antissocial são fortemente e inversamente correlacionadas (Leve, Pears, & Fisher, 2002; Sorlie, Hagen & Ogden, 2008).

Habilidades sociais podem ser consideradas ápices comportamentais por atingirem os critérios de acesso a novos reforçadores e competirem com comportamentos inadequados. Evidências empíricas demonstram a existência de relações entre o repertorio de HS, relacionamento com pares não desviantes e redução do abuso de drogas, bem como déficits no repertorio de HS e desenvolvimento de comportamento antissocial.

Para favorecer o contato com pares não desviantes, os programas de HS precisam ter um enfoque preventivo, por meio de atividades programadas, que permitam promover a multiplicidade de categorias de HS relacionadas ao desenvolvimento da empatia, assertividade, autocontrole e situações de iniciar e manter conversas. As intervenções que tenham como objetivo enfraquecer comportamentos inadequados precisam, concomitantemente, desenvolver repertórios de HS que "afetem pessoas relevantes na vida do individuo e produzam consequências reforçadoras naturais" (Robertson, 2015, p. 481). Entretanto, são necessárias descrições mais amplas de quais contingências selecionam os ápices comportamentais, bem como a estimativa de quais contingências os ápices possibilitam o acesso (Hixson, 2004). No caso das habilidades sociais, muitas delas já são conhecidas e por isso podem ser objeto de intervenções preventivas.

Ressalta-se, como limitações deste ensaio, a discussão de somente dois de seis criterios de avaliação de mudanças comportamentais como ápices comportamentais. Como propostas para pesquisas futuras, destaca-se a necessidade de teste avaliação da interpretação das HS como ápices comportamentais, a partir de delineamentos de pesquisa variados, tais como, estudos naturalísticos, descritivos, longitudinais e quasi experimentais.

Referências

Bayer, J., Hiscock, H., Scalzo, K., Mathers, M., McDonald, M., Morris, A., Birdseye, J. & Wake, M. (2009). Systematic review of preventive interventions for children's mental health: what would work in Australian contexts? *Australian New Zealand Jounrnal of Psychiatry*, 43(8), 695-710. doi:10.1080/00048670903001893

Barrish, H.H., Saunders, M., Wolf, M.M. (1969) Good Behavior Game: effects of individual contingencies for group consequences on disruptive behavior in a classroom. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 2(2), 119-124. doi: 10.1901/jaba.1969.2-119

Bazon, M. R., & Estevão, R. (2012). Juvenile criminal behavior and peers' influences: A comparative study in the Brazilian context. *Universitas Psychologica*, *11*(4), 1157-1166.

Bezerra, T., Junior, R., & Palha, D. (2017). A produção de regras através de brincadeiras em um atendimento clínico comportamental infantil. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, *4*(2), 70-91. doi. org/10.18761/perspectivas.v4i2.111

Bijou, S. W.; & Baer, D. M. (1978). *Psicología del desarrollo infantil*: Teoría empírica y sistemática de la conducta. México: Editoral Trillas. Tradução de Francisco Montes. Originalmente publicado em 1961.

Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 227-235.

Bosch, S., & Fuqua, R. W. (2001). Behavioral cusps: A model for selecting target behaviors. *Journal of Applied Behavior Analysis*, *34*(1), 123-125. Doi: 10.1901/jaba.2001.34-123

Bosch, S., & Hixson, M. D. (2004). The final piece to a complete science of behavior: Behavior development and behavioral cusps. *The Behavior Analyst Today*, *5*(3), 244. Doi: 10.1037/h0100033

Branco, B. D. M., & Wagner, A. (2009). Os adolescentes infratores e o empobrecimento da rede social quando do retorno à comunidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, *14*, 557-566. doi:10.1590/S1413-81232009000200024

Campos, J.R., Del Prette, Z.A.P. & Prette, A. (2018). Relações entre depressão, habilidades sociais, sexo e nível socioeconômico em grandes amostras de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *34*, e3446. doi: 10.1590/0102.3772e3446

Campos, J. R., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2014). Depressão na adolescência: habilidades sociais e variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *14*(2), 408-428.

Cardoso, L. R., & Malbergier, A. (2014). Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, *18*(1). doi. org/10.1590/S1413- 85572014000100003

Carlini, E.A.; Noto, A.R.; Sanchez, Z.M.; Carlini, C.M.A.; Locatelli, D.P.; Abeid, L.R.; Amato, T.C.; Opaleye, E.S.; Tondowski, C.S. & Moura, Y.G. (2010). *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino*

nas 27 Capitais Brasileiras. São Paulo: CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), Universidade Federal de São Paulo – UNESP e Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – SENAD. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Carlo, G., Crockett, L.J., Wilkinson, J.L. et al. (2011). *J Youth Adolescence*, 40-1192. https://doi.org/10.1007/s10964-010-9588-4

Ciarano, S., Rabaglietti, E., Roggero, A., Bonino, S., & Beyers, W. (2007). Patterns of adolescent friendships, psychological adjustment and antisocial behavior: The moderating role of family stress and friendship reciprocity. *International Journal of Behavioral Development*, *31*(6), 539-548. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Comodo, C.N. (2012). *Intergeracionalidade das habilidades sociais de pais e seus filhos adolescentes.* 118 p. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Cook, C. R., Gresham, F. M., Kern, L., Barreras, R. B., Thornton, S., & Crews, S. D. (2008). Social Skills Training for Secondary Students. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, *16*, 3. doi/10.1177/1063426608314541

Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.P. (2017). *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento. *Perspectivas em análise do comportamento*, *1*(2), 104-115. doi: 10.18761/perspectivas.vli2.33

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2009a). Adolescência e fatores de risco: a importancia das habilidades sociais educativas**.** In: V. G. Haase, F. O. Ferreira, & F. J. Penna, (Orgs.), *Aspectos biopsicossociais da saúde na infância e adolescência (pp.* 503-522). Belo Horizonte: Coopmed. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2009b). *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática.* Petrópolis: Vozes. doi:10.1590/S0034-8910.201404800475

De Rose, J. C. C; GIL, M. S. C. A (2003). Para uma análise do brincar e de sua função educacional. Em.: Brandão, M. Z. S. (org.). *Sobre Comportamento e Cognição: A História e os Avanços, a Seleção por Consequências em ação*. Vol. 11. Santo André: ESETec, p. 373-382.

Feitosa, F. B., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2012). Social skills and academic achievement: The mediating function of cognitive competence. *Temas em Psicologia*, *20*(1), 61-70.

Fernandes, Luana de Mendonça, Leme, Vanessa Barbosa Romera, Elias, Luciana Carla dos Santos, & Soares, Adriana Benevides. (2018). Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. *Temas em Psicologia*, *26*(1), 215-228. doi.org/10.9788/TP2018.1-09Pt

Fogaça, F. F. S., Benvenuti, M.F.L., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Social skills in interlocking behavioral contingencies: the case of young offender´s families. In: *Seventh International Conference - Association for Behavior Analysis International*, 2013, Merida- Mexico. Conference Book.

Fox, C. L. & Boulton, M. J. (2005). The social skills problems of victims of bullying: Self,

peer and teacher perceptions. *British Journal of Educational Psychology*, *75*(2), 313-328. Doi:abs/10.1348/000709905X25517

Gehm, T. P. (2013). *Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da análise do comportamento* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gil, M. S. (2019). Behavioral cusp e o responder por exclusão. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, *21*(1), 95-117. doi.org/10.31505/rbtcc.v21i1.1148

Gresham, F. M. (2009). Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In: Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs). *Psicologia das Habilidades Sociais: diversidade teórica e suas implicações* (p.17-66). Petrópolis, RJ: Vozes. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Haendel, T., & Alvarenga, P. (2018). A tolerância ao atraso do reforçador como cunha comportamental precursora do autocontrole. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, *20*(2), 76-90. Doi: 10.31505/rbtcc.v20i2.1182

Hixson, M. D. (2004). Behavioral cusps, basic behavioral repertoires, and cumulative-hierarchical learning. *The Psychological Record*, *54*(3), 387-403.

Hixson, M. D., Reynolds, J. L., Bradley-Johnson, S., & Johnson, C. M. (2011). Cumulative-hierarchical learning and behavioral cusps. In: Mayville, E. A., & Mulick, J. A. (Eds.). *Behavioral foundations of effective autism treatment*. Sloan Pub.

Ingvarsson, E. T., Tiger, J. H., Hanley, G. P., & Stephenson, K. M. (2007). An evaluation of intraverbal training to generate socially appropriate responses to novel questions. *Journal of Applied Behavior Analysis*, *40*(3), 411-429. Doi: 10.1901/jaba.2007.40-411

Jimézes, E. L. O. (2017). *Revisão integrativa sobre conceitos analítico-comportamentais relacionados ao Desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém.

Kellam, S. G., Brown, C. H., Poduska, J. M., Ialongo, N. S., Wang, W., Toyinbo, P., Petras, H., Ford, C., Windham, A. & Wilcox, H.C. (2008). *Effects of a universal classroom behavior management program in first and second grades on young adult behavioral, psychiatric, and social outcomes. Drug and Alcohol Dependence, 95, S5–S28.* doi:10.1016/j.drugalcdep.2008.01.004

Kellam, S.G., Wang, W., Mackenzie, A.C.L., Brown, H., Ompad, D.C., Or, F., Ialongo, N.S., Poduska, J.M., Windham, A. (2010). The impact of the Good Behavior Game, a universal classroom-based preventive intervention in first and second grades, on high-risk sexual behaviors and drug abuse and dependence disorders into young adulthood. *Prev Sci*, 15(1): 6-18. doi: 10.1007/s11121-012-0296-z

Kokko, K., Tremblay, R. E., Lacourse, E., Nagin, D. S., & Vitaro, F. (2006). Trajectories of prosocial behavior and physical aggression in middle childhood: Links to adolescent school dropout and physical violence. *Journal of research on adolescence*, *16*(3), 403-428. doi/abs/10.1111/j.1532-7795.2006.00500

Krieger, S. & Falcone, E.M.O. (2017). A Influência das distorções cognitivas no comportamento altruísta. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *13*(2), 76-83. Doi: 10.5935/1808-5687.20170012

Leve, L. D., Pears, K. C., & Fisher, P. A. (2002). Competence in early development. In Reid, J.B.; & Patterson, G.R. (Ed), *Antisocial behavior in children and adolescents: A developmental analysis and model for intervention* (pp. 45-64). Washington, DC, US: American Psychological Association

Malta, Oliveira-Campos, Prado, Andrade,

Mello, Dias & Bomtempo, (2014). Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (Pense, 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Suppl, pp. 46-61. doi: 10.1590/1809-4503201400050005

Maruschi, M. C., Estevão, R., & Bazon, M. R. (2013). Aplicação de medidas socioeducativas em adolescentes: avaliação auxiliar às tomadas de decisão. *Psico*, *44*(3), 453-463.

Molina, R. C. M., & Del Prette, Z. A. P. (2006). *Funcionalidade da relação entre habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. Psico-USF, 11(1), 53–63.* doi:10.1590/s1413-82712006000100007

Monahan, K. C., Steinberg, L., Cauffman, E., & Mulvey, E. P. (2009). Trajectories of antisocial behavior and psychosocial maturity from adolescence to young adulthood. *Developmental psychology*, *45*(6), 1654. doi:10.1037/a0015862.

Murta, S. G., Santos, B. R. P. dos, Nobre, L. A., Araújo, I. F. de, Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. de O., & Franco, C. T. P. (2013). *Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. Psicologia USP, 24(2), 263–288.* doi:10.1590/s0103-65642013000200005

Murta, S.G., Del Prette, A., Nunes, F.C., & Del Prette, Z.A.P. (2006). Problemas en la adolescencia: Contribuciones del entrenamiento en habilidades sociales In: J. C. Salamanca (Ed.), Manual de intervención psicológica para adolescentes: Ámbito de la salud y educativo (Unidade 1, Cap. 2) Colombia (Bogotá): PSICOM Editores.

Negrete, B.D. & García-Aurrecoechea, R. (2005). Factores psicosociales de riesgo de consumo de drogas ilícitas em uma muestra de estudiantes mexicanos de educación media. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, 24(4), 223-232. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Oliveira, M.R. & Luis, M.A.V. (2005). Factores de riesgo para el consumo de alcohol em escolares de 10 a 18 años, de establecimientos educativos fiscales em la ciudad de La Paz – Bolivia (2003-2004). *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 13, 880-887. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Patterson, G., Reid, J. & Dishion, T. (1992). *Antisocial boys*. Eugene: Castalia.

Pereira-Guizzo, C. D. S., Prette, A. D., Prette, Z. A. P. D., & Leme, V. B. R. (2018). Programa de habilidades sociais para adolescentes em preparação para o trabalho. *Psicologia Escolar e Educacional*, *22*(3), 573-581. doi.org/10.1590/2175-35392018035449

Perner, J., Ruffman, T., & Leekam, S. R. (1994). Theory of mind is contagious: You catch it from your sibs. *Child development*, *65*(4), 1228-1238. doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00814.x

Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1997). Behavioral cusps: A developmental and pragmatic concept for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, *30*(3), 533-544. Doi: 10.1901/jaba.1997.30-533

Robertson, R. E. (2015). The Acquisition of Problem Behavior in Individuals With Developmental Disabilities as a Behavioral Cusp. *Behavior modification*, *39*(4), 475-495. doi.org/10.1177/0145445515572185

Rocha, G.V.M. (2008). Psicoterapia analítico-comportamental com adolescentes infratores de alto risco: modificação de padrões antissociais e diminuição da reincidência criminal (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Salvo, C. G. D. (2010). *Práticas educativas parentais e comportamentos de proteção e risco à saúde em adolescentes.* Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Sánchez-Queija, I., Oliva, A., & Parra, Á. (2006). Empatía y conducta prosocial durante la adolescencia. *Revista de Psicología Social*, *21*(3), 259-271. Doi: 10.1174/021347406778538230

Sapienza, G., Aznar-Farias, M., & Silvares, E. F. D. M. (2009). Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento acadêmico. *Psicologia: reflexão e crítica*, *22*(2), 208-213. doi.org/10.1590/S0102-79722009000200006

Schenker, M. e Minayo, M.C.S. (2005) Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3): 707-717. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Smith, G. J., McDougall, D., & Edelen-Smith, P. (2006). Behavioral cusps: A person-centered concept for establishing pivotal individual, family, and community behaviors and repertoires. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, *21*(4), 223-229. doi/abs/10.1177/10883576060210040301

Skinner, B. F. (2007). *Ciência e comportamento humano.* Tradução de J.C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1953).

Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity.* New York: Bantam Books.

Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis.* New York: Appleton-Century-Crofts.

Snyder, J. J., Chrepferman, L. P., Bullard, L., Mceachern, A. D. & Patterson, G. R (2012). Covert antisocial behavior, peer deviancy training, parenting processes, and sex differences in the development of antisocial behavior during childhood. *Development and Psychopathology*, 24, 1117–1138. Doi: 10.1017/S0954579412000570

Sorlie M, Hagen K.A, & Ogden T. (2008). Social competence and antisocial behavior: continuity and distinctiveness across early adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 18,* 121-144. doi.org/10.1111/j.1532-7795.2008.00553.x

Strang, J., Babor, T., Caulkins, J., Fischer, B., Foxcroft, D. & Humphreys, K. (2012). Drug policy and the public good: evidence for effective interventions. *The Lancet,* 379(9810), 71-83. doi.org/10.1016/s0140-6736(11)61674-7

Tatmatsu, D.I.B. & Del Prette, Z.A.P. (2016). Habilidades sociais e estilos parentais de adolescentes usuários de drogas: estudos empíricos e de análise da política de prevenção (Tese de Doutorado). Universidade de São Carlos, São Paulo.

Tourinho, E. Z., & Neno, S. (2005). Análise do Desenvolvimento e Comportamento Humano: o passado prevê o futuro? (*2005). Psicologia do Desenvolvimento: Reflexões e Práticas Atuais. São Paulo: Casa do Psicólogo*, 91-112.

Vasconcelos, L. A.; Naves, A, R. C. X.; & Ávila, R. R. (2010). Abordagem analíticocomportamental do desenvolvimento. In: Tourinho, E. Z., & Luna, S. V. *Análise do comportamento: Investigações Históricas, Conceituais e Aplicadas*. São Paulo: Roca.

Wagner, M.F. & Oliveira, M.S. (2009). Estudo das habilidades sociais em adolescentes usuários de maconha. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 101-110. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

Wagner, M.F. & Oliveira, M.S. (2007) Habilidades Sociais e Abuso de Drogas em Adolescentes. *Psicologia Clínica,*19(2), p.101–116. doi:10.1590/S0034-8910.2014048004754

WHO (1997). World Health Organization. *Life skills education for children and adolescents in schools*. Genebra.